

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado Class.: Kavapó Metuktire

Data: 06/12/73 Pg.: 14

União, a única defesa do índio

ELIANA LUCENA

A ameaça de uma luta entre índios e brancos, no Parque Nacional do Xingu, contornada no início da semana, talvez seja apenas uma amostra do que poderá ocorrer em decorrência da ocupação desordenada da Amazônia, onde as frentes pioneiras não têm respeitado parques e reservas, colocando em risco a sobrevivência de grupos indígenas, como ocorre no Parque Indígena do Aripuanã, que está sendo ocupado por colonos e garimpeiros.

Este impacto da civilização nas áreas onde os grupos indígenas vivem isolados sem problemas coloca de novo em pauta a discussão sobre como integrar o índio na sociedade. Claudio Villas Boas, que há 30 anos trabalha com os índios do Parque do Xingu, afirma que a aculturação "não é algo que se possa planejar no papel, com prazos determinados para se alcançar o objetivo final".

"O trabalho de aculturação do índio é um trabalho de gerações — defende — e não pode ser feito da noite para o dia. Não podemos nunca deixar de pensar que estamos diante de uma cultura que, como outra qualquer, é digna de respeito. O índio não é inferior ao branco; sua sociedade é apenas tecnologicamente mais despreparada, mas seus valores culturais são sólidos e vêm sendo transmitidos de geração para geração durante séculos". Para Claudio, o problema mais sério é o da fronteira cultural.

COESÃO, A DEFESA

"Esta sim — afirma — exige um profundo respeito. Acho que existe lugar para todos, independente do modo de vida ou crenças diversificadas em nossa sociedade. Por que então não haveria um lugar também para a cultura indígena? Especialmente numa época em que se fala tanto da integração da Amazônia, o índio aparece como um elemento de fundamental importância, porque ninguém mais do que ele conhece os segredos da mata e como sobreviver num ambiente tão hostil ao branco".

Segundo Claudio, os índios do Xingu estão sendo preparados gradativamente para receber o impacto da civilização. "Tenho longas conversas com eles — diz — mostrando o que existe no mundo do branco e alimentando a coesão tribal, que é a única forma de garantir a sua sobrevivência".

Quando se conhece melhor a experiência do Xingu pode-se concluir que realmente é falsa a acusação feita várias vezes por missionários e mesmo alguns técnicos indigenistas de que o parque "é um imenso zoológico, onde índios pintados são utilizados para o deleite de turistas e antropólogos". O que se sente nas diversas tribos espalhadas pelo parque é que elas estão sendo preparadas para reivindicar no futuro, pelos seus próprios direitos.

Mesmo os índios que já conhecem as grandes cidades e as facilidades do mundo moderno, preferem estar com sua tribo, no parque. Megaron, por exemplo, um índio txucarramãe, sempre acompanhou Orlando Villas Boas em suas viagens a São Paulo e outros locais. Sabe ler, escrever, não

esconde sua preferência pela música moderna. No início da semana, Megaron esperava uma canoa no posto do Diauarum a fim de seguir para a tribo dos txucarramãe. Acompanhado da mulher, cachorro, máquina fotográfica, gravador, duas redes e calças Lee, dizia o índio: "soube que está havendo problema com a minha tribo e os posseiros em Pirá-Açu. Por isso, vim logo para cá, pois podem precisar de mim e, além do mais, preciso visitar a minha mãe, que já está velha. Quando tudo acalmar, passarei mais algum tempo em São Paulo, mas eu gosto mais do parque".

INTEGRAÇÃO, MAL NECESSÁRIO?

Apesar da polemica sobre como integrar o índio, num ponto, Funai, sertanistas, antropólogos e técnicos indigenistas concordam: "O índio seria muito mais feliz se pudesse continuar isolado no seu habitat. Mas isso é uma idéia utópica, já que ninguém poderá deter o processo de desenvolvimento".

Para o sertanista Antonio Cotrim Neto, que se afastou da Funai no ano passado por se achar cansado "de ser coqueiro de índios", o sistema geralmente usado para integrar os índios à civilização branca está cheio de falhas. "Quando a Funai monta um posto indígena — afirma — seu objetivo é tirar o índio de seu sistema tradicional de economia de subsistência e lançá-lo na economia de mercado. Isso causa uma profunda ruptura de todo o sistema de vida tribal. O sistema coletivo de produção é abandonado e o individualismo começa a tomar conta do índio, criando conflitos de toda a natureza. Sua mitologia não está preparada para ajudá-los nesses novos problemas. O índio entra, então, num profundo complexo de inferioridade em relação ao branco. A sua principal dificuldade é compreender uma sociedade dividida em

classes, onde há desigualdades pessoais. Consequência: acaba entrando na bebedeira e no vício.

Perde a vontade e o estímulo de trabalhar. A preguiça, a recusa de trabalhar é uma fuga. Afinal, em seu estado natural, na sua sociedade primitiva, não conhecia essas diferenças, porque todos eram capazes de fazer um arco, todos sabiam fabricar por si os meios de produção que necessitavam".

Para Cotrim, também, o ideal seria deixar os índios isolados, mas admite a utopia. "Já que é impossível, temos que lutar para que a integração se processe de uma forma gradativa, um trabalho que não pode ser planejado para ser cumprido em poucos anos, mas um trabalho de todos. A política indigenista brasileira fica numa posição bastante delicada e difícil ao mesmo tempo que quer proteger o índio brasileiro e promover sua integração progressiva na sociedade nacional, sob pressão de todos os lados, pois, dia a dia, dezenas de projetos industriais e agropecuários são aprovados na Amazônia, muitos deles ameaçando alcançar áreas indígenas. Uma de suas metas de trabalho é a seguinte: "o índio não pode se constituir num entrave para

o desenvolvimento da Amazônia e deve ser integrado gradativamente na sociedade".

Para cumprir este objetivo, a Funai pretende, a partir de agora, acompanhar o processo de integração dos índios desde os primeiros dias de contato até torná-los aptos a conviver com a sociedade envolvente. Das críticas, os dirigentes do órgão se defendem: "Nenhum país cumpriu até hoje uma política indigenista eficiente, que pudesse servir de modelo para o Brasil, de modo que nossa experiência é um desafio, pois realmente não podemos baseá-la em trabalhos executados em outros lugares".

Enquanto não se chega a uma conclusão sobre o melhor método de integração um ponto

aparece como fundamental e com ele todos também concordam: se não for garantida a terra ao índio, ele talvez não consiga assistir à sua própria integração no mundo do branco.

Cruz Vermelha atua na Amazônia

Uma equipe da Cruz Vermelha Internacional já iniciou o reconhecimento da região do Baixo Amazonas onde será executado o programa de assistência médica a 6 mil índios brasileiros, orçado em 5 milhões de dólares. A informação foi dada ontem, em Brasília, pelo presidente da Funai, general Bandeira de Mello, que retornou esta semana de Genebra,

onde acertou os pormenores para início do programa de cooperação. Os especialistas estrangeiros que estão no Brasil fizeram um rápido treinamento na Funai e partiram para Belém. Segundo Bandeira de Mello, um avião Islander já está em Manaus, para atendimento também das populações indígenas distribuídas pela bacia do Juruá-Purus.